

Veículo: *O Estado de S.Paulo* – coluna Espaço Aberto

Data: Fevereiro/2004.

Olhar à frente

Fernando Henrique Cardoso

No dia-a-dia, muitas vezes os líderes políticos, mesmo os de mais ampla visão, podem perder a perspectiva e não tomar conhecimento do que está por vir. Nestes casos, as ações de maior alcance sequer se esboçam e as oportunidades de eventualmente antecipar-se ao curso dos acontecimentos se perdem. É dessa maneira que tudo acaba parecendo inevitável e o mundo fica pobre de opções.

Se isso ocorre com quase todos, que dizer dos líderes que vivem sob a forte pressão dos acontecimentos locais ou dos momentos em que as circunstâncias da política obrigam os olhares a se voltar para o imediato, como acontece nos períodos eleitorais?

A última grande apresentação do presidente Bush, por exemplo, quando ele fez no Congresso o balanço de sua administração e mostrou as perspectivas de seu governo no discurso sobre o *State of the Union*, mostra como mesmo o líder da maior potência atualmente existente pode ficar míope para perceber os grandes problemas do futuro. Nenhuma palavra sobre as questões ecológicas. Silêncio preocupante com respeito aos temas do bem estar coletivo para além das fronteiras. E principalmente, um mutismo inquietante sobre as eventuais dificuldades econômicas de seu país, as quais, se vierem a materializar-se, afetarão todos nós do resto do mundo.

Não disse nada sobre o déficit orçamentário aproximar-se de 5% do PIB, calou sobre o déficit nas transações correntes, que imita os números astronômicos do déficit fiscal, nem disse uma palavra de alerta ou indicou um caminho para evitar que um belo dia os mercados – sempre eles! – comecem a cobrar o preço de tamanho desajuste. Que cobrarão parece provável. Pelo menos é o que se deduz da leitura do último livro de quem entende dessa matéria, George Soros. Com conhecimento de causa, Soros comentou que as *bubbles*, as bolhas especulativas, logo que percebidas, não tardam por explodir. E

como muitos já consideram que a desvalorização do dólar e a fome dos mercados asiáticos pelos bônus do Tesouro americano mantêm um equilíbrio instável, a manada especulativa desatará a correr logo. Esse logo é imprevisível, mas que surgirá em dado momento, não há dúvida.

O presidente Bush falou com o coração e a mente postos nas eleições. Sentiu-se vitorioso na guerra contra o Iraque. Animou seu povo para a resistência e o combate ao terrorismo, que é o novo bode expiatório de tudo. Gabou sua reforma do sistema de saúde. Sentiu-se porta-voz dos valores universais da democracia, intolerante frente a todos os fundamentalismos, menos os próprios.

É compreensível, dada a tradição, que o Presidente tenha falado dessa maneira. Os balanços anuais costumam ser momentos de auto-consagração, mesmo no Brasil, como se viu ainda recentemente. Normalmente os Presidentes têm horror quando alguém sugere que talvez devessem alertar a nação com hipóteses menos otimistas do que as habituais, que animam as platéias. Eu mesmo sei o quanto me doeu, no início de setembro de 1998, em plena campanha eleitoral, ter de avisar que recorreríamos ao FMI e que haveria que apertar os cintos, com um arrocho fiscal. Engoli seco e fiz a advertência, temeroso que tivesse de atuar mais duramente depois das eleições e, ao não alertar o país, de ser acusado de estelionato eleitoral.

Embora dando o desconto devido aos Presidentes quando estão por enfrentar eleições, e mesmo aos que estando no exercício do cargo vejam-se na contingência de manter acesa a chama de seus seguidores cantando loas a se próprios, quem não está nessa situação tem o dever de contrariar o otimismo de ofício, fazendo as ponderações cabíveis. Os sinais de alarme sobre a necessidade de um ajuste futuro nos mercados mundiais estão se repetindo. Por enquanto o dólar perde valor, os asiáticos financiam os déficits americanos, comprando títulos do Tesouro e até há sinais de recuperação da economia americana. Até quando?

Até que muitos comecem a perceber que ou bem o FED aumenta a taxa de juros para manter atrativos os bônus ou se corre o risco de uma interrupção brusca no financiamento dos desregramentos americanos. Ou, pior ainda, até que a guerra de moedas perturbe a tranqüilidade dos mercados. Aí, bem, aí nós já conhecemos a história.

É certo que os países em desenvolvimento que dependem de recursos externos não podem fazer muito nessa matéria. Mas com a experiência e o sofrimento dos anos duros das recentes crises financeiras, embora com o risco de dizerem que prego o “façam como eu digo e não como eu fiz”, mas com o propósito sincero de ajudar, pergunto: diante disso, não seria melhor aproveitar os meses de céu azul trazidos pela convergência entre melhores condições econômicas internacionais, com melhores preços para as matérias primas e menores taxas de juros, e os resultados positivos do aperto fiscal do ano passado para criar condições efetivas de investimento e ir ampliando o consumo?

As mudanças nos mercados são rápidas. Quando se espera situações ótimas de equilíbrio perfeito, uma quimera, corre-se o risco de esperar Godot e deixar passar uma oportunidade. Tomara que isso não aconteça. Tomara Bush seja mesmo milagreiro, os chineses tenham descoberto a poção maravilhosa do crescimento contínuo e nenhuma nova crise nos pegue de surpresa.

Mas que é melhor olhar à frente para enxergar com mais clareza o que pode acontecer e evitar surpresas, não há dúvidas.